

SRI RAMAKRISHNA – O MÍSTICO PRÁTICO

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da revista *The Vedanta Kesari* – fevereiro de 1964²

O século XIX foi um período repleto de convulsões em todo o mundo. Foi assim na Europa, onde a Revolução Industrial acelerou as coisas e mudou o modo de vida e as formas de pensar do homem. Foi também no século passado que Charles Darwin, com sua teoria da evolução biológica, lançou um desafio à religião. Foi igualmente no século XIX que ocorreu uma guerra civil no novo continente, a América, que tornou os Estados Unidos um fato histórico. Foi durante esse período que começou uma corrida por impérios ultramarinos, e a Índia passou a ser cada vez mais dominada pelos britânicos. Os britânicos, no entanto, não se limitando à dominação política, ousaram penetrar no campo cultural da vida indiana, com métodos muito sutis. Eles se apresentaram como benfeitores do povo indiano e queriam civilizar uma raça atrasada – como eles retratavam o povo indiano para o mundo. Aos indianos foi dito que sua religião era primitiva, que suas escrituras eram meras superstições e que a salvação estava em abandoná-las e seguir os modos de pensamento e vida ocidentais.

Mas outra convulsão, mais poderosa, mais duradoura, maior em extensão e mais rica em conteúdo, como resposta a muitas dessas pequenas turbulências, também surgiu no século passado, a saber, a convulsão espiritual. Ela foi inaugurada por Sri Ramakrishna, nascido em uma vila, atuando como sacerdote no templo de Dakshineswar, não muito longe de Calcutá, com muito pouco da chamada educação formal, mas profundamente enraizado na cultura da alma. Sua vida foi uma resposta adequada, um desafio aos clamores dos iconoclastas, aos agnósticos e ateus, aos que duvidavam da eficácia da religião hindu para manter seu terreno contra outras religiões e, por último, mas não menos importante, ao ataque do homem científico da época à própria religião. As forças da religião se reuniram, por assim dizer, para enfrentar a maré crescente do agnosticismo na pessoa de Sri Ramakrishna.

A vida de Sri Ramakrishna foi maravilhosa. Ele começou com uma fé simples em Deus, nutrida na inocência da vida rural, guardada em um lar de pais piedosos e encantada com o legado nativo de seu ser. Ao perseguir suas práticas espirituais, ele sem dúvida passou por noites sombrias de dúvida, mas apenas para ser firmemente e indissolavelmente ligado à Divina Mãe, pela bênção de Sua visão – uma

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do original em inglês, *Sri Ramakrishna – The Practical Mystic*.

experiência que o fez se apegar a Ela, como uma criança à sua mãe, por toda a vida. Sua primeira visão trouxe a ele uma febre ardente, por assim dizer, para ter Sua presença completa e ininterrupta. Ele se consumiu e se contorceu de dor na separação d’Ela. Em sua angústia, ele esfregava o rosto no chão áspero até sangrar, tão agudo era seu sofrimento, tão intenso era seu desespero. Ele esforçou-se ao máximo para isso e entregou completamente sua mente a Ela. Nesse aspecto, Sri Ramakrishna pode ser chamado de cientista espiritual. Ele, como os antigos *Rishis*, nunca se contentou com teorias, mas queria testá-las no laboratório da prática e não descansaria até atingir seu objetivo. Quando ele começou a adorar a Divina Mãe no templo de Dakshineswar, ele se perguntou: “A Divina Mãe é apenas uma imagem de pedra?” Ele pensou que precisava verificar isso. Ele segurou um pedaço de algodão nas narinas da Imagem e, estranhamente, sentiu o sopro da Mãe nele. Ele sentiu isso mais tangivelmente do que sentia sua própria respiração. Esse era o método de sua experimentação. Se a Divina Mãe era uma entidade consciente, Ela deveria ser vista, deveria ser realizada — essa era sua firme determinação. Essa determinação era apoiada por uma forte renúncia e uma discriminação penetrante.

Mesmo quando criança, ele havia descoberto, por observação, a futilidade do mero saber livresco — um aprendizado que poderia ser apenas um meio de ganhar a vida e de nada mais. Isso não resolvia o problema da vida, não desvendava seu significado. Por outro lado, sua primeira experiência mística aos sete anos, em Kamarpukur, ao ver garças brancas voando através de nuvens sombrias, banhou sua alma em grande êxtase. Comparado a isso, ele considerava todas as outras alegrias apenas uma sombra dessa. A devoção de seu pai a Deus, rica em sonhos e visões, ajudou o menino a concentrar sua mente n’Ele. E a morte de seu pai, embora precoce em sua vida para deixar sua impressão completa, ainda deixou um vazio no coração do menino. O fato do menino sentir a tristeza de sua mãe e parar de perturbá-la com suas importunidades após a morte de seu pai é uma evidência disso. Sua associação com os monges errantes que visitavam a vila de Kamarpukur acendeu o fogo da renúncia. Por fim, as performances religiosas dos cantores itinerantes acenderam seu amor por Deus. Seu poder de concentração, especialmente em assuntos relacionados à Divindade, aumentou enormemente, tanto que em ocasiões ele ficava absorto, completamente alheio ao seu entorno, nos pensamentos das divindades específicas que as circunstâncias evocavam. Seu segundo êxtase ocorreu no caminho para o Templo de Visalakshi, a Mãe Divina, de Anur, e sua absorção no pensamento de Shiva no Shivaratri, quando foi chamado para representar o papel de Shiva no drama da vila, foi sua terceira experiência mística, que durou muito tempo. Assim, fundamentado em discriminação e renúncia e com a mente voltada para Deus, Sri Ramakrishna entrou na adolescência bem equipado para iniciar sua jornada de busca mística.

Antes de prosseguirmos com nosso assunto, vamos esclarecer o que entendemos por experiência mística neste contexto. Não é algo misterioso ou indecifrável. Não é uma coisa do passado. Não exaure o ser humano. É uma

experiência do sobrenatural. É viver além dos sentidos. Pode ser experimentada até mesmo agora por aqueles que vivem uma vida pura e imaculada e seguem o caminho da espiritualidade. É ir à fonte de toda a bem-aventurança. É ver Deus; ser tocado por Ele. É a bem-aventurança de Deus ou do *Âtman* banhando a alma. É um estado onde todos os sentidos são deixados para trás. Até a fala não pode alcançá-lo. É por isso que não é possível descrevê-lo através do veículo da linguagem. A linguagem é um pobre portador ali. Fica muito distante. Não tem acesso a essas câmaras. Isso é o que Sri Ramakrishna disse a seus discípulos. Isso é o que podemos ver, se quisermos, em sua vida. Isso também é o que os *Upanishads* declaram: “De onde a fala, incapaz de penetrar, retorna com a mente, alcançando essa bem-aventurança de Brahman, um sábio nunca teme a nada.” Ao alcançá-la, o homem vai além de todo medo. Ele não encontra nada além de si mesmo ou de seu Deus presente em todos os lugares. Normalmente, o homem neste mundo teme várias coisas, e o pior de todos os medos é o medo da morte — e esses medos continuam enquanto ele vê um segundo ser além de si mesmo. Até a morte do corpo físico não atemoriza uma pessoa que percebeu que é imortal. Isso não é, então, um benefício significativo? Não é uma experiência desejável? A experiência mística, em resumo, é algo que pode ser sentido por um ser humano, se houver as qualidades necessárias de pureza e outras disciplinas a seu favor. Sri Ramakrishna experimentou esse toque místico mesmo em seu primeiro êxtase em Kamarpukur. Quando toda a família estava perturbada com o evento repentino e tentava encontrar um remédio para o mal, o menino, Gadadhar, como Sri Ramakrishna era chamado em seus dias de juventude, garantiu a seus pais que não sentia nada de ruim, que, ao contrário, sentia um fluxo de bem-aventurança durante o período de sua inconsciência. Isso foi posteriormente corroborado quando nada de adverso aconteceu ao menino.

As experiências místicas de Sri Ramakrishna são inúmeras para serem enumeradas aqui. Mas, na medida do necessário para nosso assunto, nos referiremos a algumas delas de vez em quando. Uma pessoa espiritual na Índia, é intensamente prática, caso contrário, não é nada. Falando sobre praticidade, Swamiji certa vez disse a uma plateia no Ocidente: “Assim como seu povo é prático em muitas coisas, parece que nosso povo é prático nessa linha (espiritualidade). Cinco pessoas neste país (América) se juntam e dizem: ‘Vamos formar uma empresa de capital aberto’, e em cinco horas está feito; na Índia, eles não poderiam fazer isso em cinquenta anos, eles são tão pouco práticos em assuntos como esse. Mas, veja, se um homem começa um sistema de filosofia, por mais selvagem que seja sua teoria, ele terá seguidores. Por exemplo, uma seita é iniciada para ensinar que, se um homem ficar em uma perna por doze anos, dia e noite, ele alcançará a salvação — haverá centenas prontos para ficar em uma perna. Todo o sofrimento será suportado em silêncio... Então, você vê que a palavra prático também é relativa.” Assim, espiritualidade, religião e filosofia têm uma base prática na Índia. E apenas a prática pode levar alguém à realização de seu ideal. Isso era obviamente conhecido por Sri Ramakrishna. Então, ele mergulhou de cabeça nas práticas espirituais. Noite e dia ele estava absorto no pensamento da Mãe,

em Dakshineswar. Sua única ideia era conhecer e vê-La. No início, ele não tinha ninguém para guiá-lo. Mas seu intenso anseio trouxe a visão d'Ela. Ele havia ouvido que Deus nunca vinha a uma pessoa que estava consciente de seu ego, que se considerava uma pessoa de nascimento nobre, uma pessoa de riqueza e assim por diante. Portanto, no meio da noite, depois que todos se retiravam para a cama, ele se esgueirava até o Panchavati próximo e, tirando o fio sagrado, o símbolo da casta brãmãne, e até a roupa, sentava-se para meditar, profundamente absorto no pensamento de Deus. Seu sobrinho e assistente Hriday notou sua ausência do quarto por vários dias.

Uma noite, querendo saber para onde Sri Ramakrishna ia e o que fazia, Hriday o seguiu. Mas ele ficou escandalizado quando Sri Ramakrishna tirou o fio sagrado e a roupa, sentando-se na floresta para meditar. Hriday o repreendeu por seu ato sacrílego. Para um Brahmin, tirar o fio sagrado! Ele não podia conceber isso. Mas Sri Ramakrishna estava imperturbável. Ele calmamente respondeu: "Se uma pessoa quer se aproximar de Deus, ela deve deixar de lado seu senso de aristocracia de nascimento, riqueza e coisas semelhantes e se humilhar diante de Deus. Pois o que são eles diante do Ser onipotente e onisciente? Então, estou tentando fazer isso." Outra vez, Hriday tentou assustar seu tio para sair da floresta jogando areia na direção onde ele estava sentado. Mas Sri Ramakrishna estava perdido para o mundo exterior no momento em que entrou na floresta. Tão profunda era sua concentração. A fúria de sua fome por Deus aumentava à medida que os dias passavam. Ele rolava no chão chamando: "Mãe", "Mãe". As pessoas ao redor pensavam nele de várias maneiras. Alguns pensavam que ele estava louco. Outros pensavam que ele estava chorando de dor de cólica. Mas para ele, como ele mesmo expressou mais tarde a seus discípulos, as pessoas ao redor eram como figuras pintadas em uma parede ou, na melhor das hipóteses, meras sombras.

Mas Sri Ramakrishna não estava satisfeito com um conhecimento casual da Mãe Divina. Talvez, apesar da bem-aventurança que sentiu em sua primeira visão, ele tenha se questionado, como Narendranath fez mais tarde, se não era alguma fantasia de sua mente que o fazia pensar que teve uma visão da Mãe. Na verdade, porém, a bem-aventurança em si o deixou louco, por assim dizer, pela presença perpétua d'Ela, como um amante anseia pela presença da amada, como uma criança anseia pela mãe, e como um homem do mundo anseia por mais e mais riqueza. E até que ele obtivesse a visão contínua da Divina Mãe e a forçasse, por assim dizer, ele não estava satisfeito. Foi por isso que ele costumava dizer: "Quem é minha Mãe! Ela é uma madrasta? Não, Ela é minha própria Mãe." Outras vezes, ele aconselhava: "Force sua demanda a Deus, reivindique seu direito de nascença, como um filho reivindica sua herança." Para ele, a visão de Deus é o direito de nascença de todo ser humano. Somos filhos da Divina Mãe. Por que, então, Ela deveria nos negar Sua visão? Temos todo o direito de reivindicá-la. Essa era sua firme convicção. Mais ainda, é sua garantia para nós a partir de sua própria experiência de vida.

A ele vieram os mestres de diferentes fés quando ele já conhecia a Divina Mãe, quando ele havia estabelecido conclusivamente a relação de uma criança com Ela; quando ele podia vê-La e falar com Ela sempre que desejasse. Em seu caso, para citar sua própria analogia, o fruto veio primeiro e depois a flor. Suas práticas posteriores foram para a verificação do que ele já havia conhecido por sua fé sincera e anseio ilimitado. Suas realizações anteriores foram corroboradas quando ele seguiu o caminho traçado nas escrituras. Após sua primeira realização, ele entrou em contato com a Divindade seguindo outros caminhos em um tempo muito curto. Não levou mais de três dias para chegar ao ápice de qualquer um dos caminhos. Aqui também ele foi muito prático. Ele colocou toda a sua mente, corpo e alma nisso. Por exemplo, quando ele estava passando pelas disciplinas da fé islâmica, ele se abstinha de visitar os templos, tudo sobre a Mãe Divina era esquecido. Em hábitos e trajés, ele seguia os muçulmanos em todos os detalhes. E é por isso que ele pôde chegar ao resultado em tão pouco tempo.

No caso da prática *Advaita*, ele teve um pouco de dificuldade. Ao tentar concentrar sua mente em *Brahman* sem forma, a forma benigna da Mãe Divina aparecia diante dele toda vez. Ele expressou sua dificuldade a Sri Totapuri, seu preceptor na prática *Advaita*. Este não foi facilmente dissuadido. Ele pressionou um pedaço de vidro quebrado entre as sobrançelas de Sri Ramakrishna e pediu que ele concentrasse sua mente naquele ponto. Assim que Sri Ramakrishna direcionou sua mente para suas sobrançelas, a forma da Mãe apareceu diante de seus olhos mentais, mas desta vez ele a cortou, por assim dizer, com a espada do conhecimento. O véu fino que o separava do *Brahman* caiu, e ele entrou no reino do Incognoscível. Agora era a vez de Totapuri, que levou quarenta anos para alcançar o estado de *Nirvikalpa Samadhi*, ficar surpreso com a facilidade e rapidez com que Sri Ramakrishna escalou o pináculo da realização espiritual. Por três dias, Totapuri ficou de vigia sobre Sri Ramakrishna. No quarto dia, Totapuri, assegurado de que ele havia se estabelecido na disciplina, trouxe-o de volta à consciência normal.

Seria uma pesquisa incompleta da praticidade de Sri Ramakrishna como místico se não mencionássemos aqui como ele expandiu a visão daqueles que entraram em contato com ele, até mesmo aqueles que vieram para ensinar. Pois, como Swamiji disse, a própria vida de Sri Ramakrishna era um Parlamento das Religiões. Era, portanto, natural que aqueles que vinham a ele tivessem suas visões ampliadas. Citaremos apenas o exemplo de Totapuri novamente. Totapuri, que nunca ficou mais de três dias em qualquer lugar, encantado com o entorno de Dakshineswar e cativado por Sri Ramakrishna, passou lá quase onze meses. Mas ele não conseguia entender a adoração de Sri Ramakrishna à Divina Mãe, mesmo após atingir o *Nirvikalpa Samadhi*. Para ele, todas essas formas eram apenas ilusões. Sri Ramakrishna, no entanto, o repreendeu por seus comentários depreciativos sobre a adoração e a oração a Deus com forma. Mas, profundamente imbuído da ideia de *Advaita Vedanta*, Totapuri não podia ceder facilmente. Estranhas, no entanto, são as maneiras de Deus. Embora ele tentasse se despedir de Sri Ramakrishna várias vezes, algo o impedia de tocar no

assunto. Por fim, ele caiu vítima de disenteria. Dores agudas o deixaram de cama. Ele não conseguia sentar-se para meditar. Um dia, em completo desgosto, ele quis se livrar do corpo, afogando-se no Ganges. Para que servia se a mente não podia se imergir no Ser. Decidido a fazer isso, uma noite ele entrou no Ganges, mas, para sua surpresa, embora ele atravessasse o rio, a água nunca subia acima de seus joelhos. Em espanto, ele exclamou: “Que *maya* estranha é essa?” Voltando-se para o templo de *Bhavatarini*, ele viu a forma benigna da Mãe Divina. Ele retornou ao Panchavati e se deitou, aliviado da dor. No dia seguinte, Sri Ramakrishna o viu alegre. Totapuri narrou o incidente a Sri Ramakrishna e, assim iluminado, ele abandonou sua visão dogmática e se despediu de Sri Ramakrishna. Sri Ramakrishna veio ao mundo para ensinar à humanidade que todo caminho era verdadeiro. Então, a Mãe permitiria que seu preceptor permanecesse um fanático? Isso não aconteceria. O contato de Sri Ramakrishna, portanto, corrigiu as visões até mesmo de seus preceptores.

Outro assunto ao qual Sri Ramakrishna deu grande atenção foi a companhia que seus jovens discípulos mantinham. Apesar do coração amoroso e compassivo que possuía, ele não podia permitir que seus discípulos se misturassem com qualquer tipo de pessoa que viesse, mesmo sob o disfarce de um monge. Certa vez, um cantor itinerante, um *baul*, veio a Dakshineswar e quis sentar-se para comer junto com Narendranath e outros que estavam fazendo um piquenique no Panchavati. O Mestre não permitiu. Ele disse: “Que mérito ele ganhou para sentar-se com vocês? Deve-se ter muito cuidado ao se associar com pessoas durante o início da vida espiritual. Isso prejudica o crescimento espiritual se alguém se mistura indiscriminadamente com as pessoas.”

Diz-se que a religião e as experiências religiosas são supramundanas. A primeira coisa a lembrar aqui é que todas as religiões podem ser seguidas aqui e agora, embora possamos colher os frutos de nossas ações em outros mundos também. Em segundo lugar, a experiência religiosa tem um efeito no homem neste mundo também. As forças naturais e outras não deixam marcas nele. Entrando nele, se perdem como rios no oceano. Ele se torna como um lago límpido, calmo, sereno e pacífico, e não aquele que corre atrás dos objetos dos sentidos, diz o *Gita*. Em terceiro lugar, a religião é a base da moralidade. Por religião, nenhum dogma ou credo é significado. Religião, como Swamiji frequentemente enfatizava, é realização: realização de Deus, realização da unidade de todos os seres. Quando essa realização vem, então o homem pode falar de irmandade universal. Hoje, a humanidade sofre de todos os tipos de deficiências, raciais, as chamadas religiosas, sociais e outras. Em tal mundo, a única maneira de se unir é pela realização espiritual. Nesse aspecto, a contribuição de Sri Ramakrishna é inestimável, imensurável, avassaladora. Por sua vida, ele mostrou que dissensões devido a esses emblemas de religião não são necessárias. Elas apenas trazem inquietação. Mais ainda, elas são prejudiciais. Mas, triste dizer, a humanidade ainda tem que aprender essa lição. Ela jamais despertará? Pode fazê-lo se estudar Sri Ramakrishna.

Por fim, diremos algumas palavras sobre como Sri Ramakrishna era prático em sua vida normal. Ele treinou a Santa Mãe sobre como viver em família. Ele a ensinou em cada detalhe da administração doméstica, desde a maneira de aparar a lâmpada até lidar com as pessoas com quem ela teria que entrar em contato. Ele repreendeu seus discípulos quando eles tomavam algo como garantido. Um dia, ele deu a um jovem discípulo (Swami Yogananda) algum dinheiro para comprar uma frigideira. O discípulo acreditou no vendedor e trouxe a panela que o comerciante deu sem examiná-la. No entanto, descobriu-se que o vendedor havia enganado o menino e dado a ele uma panela quebrada. Sobre isso, Sri Ramakrishna comentou: “Que você se tornou um *sadhu* não é razão para que você também seja um tolo. O comerciante não está lá para ganhar mérito, mas para ganhar dinheiro. Então, antes de comprar qualquer coisa, examine-a, pergunte em outras lojas e, no caso de compras onde uma margem extra [desconto] é dada, pegue isso também.” Tal foi o conselho sobre coisas seculares de uma pessoa que não conseguia cuidar adequadamente de suas roupas! O que dizer então de seres menores! Sri Ramakrishna, como o vemos retratado em suas biografias e conversas, era intensamente prático não apenas em assuntos espirituais, mas também em assuntos seculares. É por isso que ele tem um apelo até mesmo para o homem mais moderno. Temos certeza de que a impressão errônea de que um místico é um ser misterioso desaparecerá se a vida de Sri Ramakrishna for estudada de forma adequada e crítica.

